



ENUNCIÇÃO, DIALOGISMO E SUBJETIVIDADE: A VIDA PULSANDO E AS VOZES EM CONFRONTO NA ARENA DISCURSIVA

ENUNCIATION, DIALOGISM AND SUBJECTIVITY: THE LIFE PULSING AND THE VOICES IN CONFRONTATION IN THE DISCURSIVE ARENA

Roberta Costella (UPF)¹

Gabriela Schmitt Prym Martins (UPF)²

RESUMO

Entre os enunciados de um discurso, concretizam-se relações de sentido as quais são determinadas pela situação comunicativa e pelo meio social, estruturadas em relação ao seu conteúdo e significação. Essas relações são sempre tensionadas em uma arena discursiva por distintas posições que compõem um relacionamento dialógico de sentidos entre enunciados com visões de mundo peculiares, os quais dialogam e polemizam com os outros enunciados existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. Assim, entendendo as relações dialógicas como encadeamentos semânticos que se estabelecem entre discursos, o presente artigo tem por objetivo elucidar, com base nas estratégias discursivas utilizadas no texto, essas diversas vozes ideológicas que perpassam o gênero artigo de opinião. A pesquisa caracteriza-se como descritivo-qualitativa e a fundamentação teórica insere-se nos pressupostos da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin. A partir da análise realizada, pôde-se perceber que o dialogismo está presente em qualquer discurso, mesmo em um gênero pautado pela univocidade da organização dos enunciados. Os fenômenos identificados e compreendidos no *corpus* evidenciam que o sentido de um discurso jamais é único. Há um movimento dinâmico, de transformação e, até mesmo, subversão dos discursos circundantes, elucidando a carga subjetiva e ideológica inserida pelo autor e por sua relação com as diversas vozes que se inserem em um processo de compreensão ativa e responsiva, ou seja, dialógica.

Palavras-chave: Dialogismo. Gêneros do Discurso. Análise dialógica do discurso.

ABSTRACT

Among the statements of a discourse, relations of meaning are concretized which are determined by the communicative situation and by the social environment, structured in relation to its content and meaning. These relations are always strained in a discursive arena by different positions that make up a dialogical relationship of meanings between statements with peculiar worldviews, which dialogue and polemize with the other statements existing in our society, in our culture. Thus, understanding the dialogical relations as semantic threads that are established between discourses, this article aims to elucidate, based on the discursive strategies used in the text, these diverse ideological voices that go through the genre of opinion. The research is characterized as

¹ Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI); Graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Professora de Metodologia da Pesquisa no Centro de Estudos Odontológicos Meridional (CEOM/IMED); Professora de Língua Portuguesa e Redação no Centro de Ensino Médio Integrado UPF; Professora de Redação na Empresa Medischool. robertacostella21@gmail.com.

² Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF), na linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso. Professora do Curso de Letras e da Área de Língua Portuguesa da Universidade de Passo Fundo (UPF). Assessora Pedagógica e de Gabinete da 7ª Coordenadoria Regional de Educação. Bolsista de Doutorado - Egresso UPF. gabrielaprym@upf.br.



descriptive-qualitative and the theoretical foundation is inserted in the presuppositions of the dialogical theory of the Bakhtin Circle. From the analysis carried out, it was possible to perceive that the dialogism is present in any discourse, even in a genre based on the univocity of the organization of the statements. The phenomena identified and understood in the corpus show that the meaning of a discourse is never unique. There is a dynamic movement, transformation and even subversion of the surrounding discourses, elucidating the subjective and ideological load inserted by the author and his relationship with the various voices that are inserted in a process of active and responsive understanding, that is, dialogic.

Keywords: Dialogism. Discursive genres. Dialogical analysis of discourse.

INTRODUÇÃO

Bakhtin apresentou uma concepção de linguagem que não dissocia a língua das práticas sociais de uso, assim, não a considerando uma representação individual de pensamento. Também compreende que os diferentes usos da linguagem acontecem na forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos sujeitos os quais participam de interações sociais ocorridas em determinados campos de atividades.

Porém, ao mesmo tempo em que os enunciados são singulares, ao analisarmos do ponto de vista da historicidade, eles são dialógicos, pois dialogam constantemente nas interações concretas com outros enunciados já-ditos, agregando e confrontando sentidos, produzindo modos sociais de dizer e agir historicamente. Dessa forma, já que todo enunciado implica em enunciados os quais o antecederam e aqueles que se sucederão no tempo e no espaço, não há enunciados isolados, porque tudo que se refere ao sujeito chega à sua consciência a partir do outro, em uma relação dialógica, realidade de existência do enunciado.

Portanto, partindo do pressuposto de que o dialogismo é constitutivo de qualquer enunciado, resultante de uma interação verbal determinada pela situação social imediata e pelo meio social, objetivamos, através desta pesquisa, elucidar, com base nas estratégias discursivas utilizadas no *corpus*, as diversas vozes ideológicas que perpassam o artigo de opinião de Juremir Machado da Silva, intitulado *Ignorante de Estimação*, publicado em 06 de julho de 2018, no *Correio do Povo* (blog).

A fim de ratificarmos a ideia de que o dialogismo está presente em qualquer discurso, mesmo em um gênero pautado pela univocidade³ da organização dos enunciados, construímos a fundamentação teórica desta pesquisa na conceituação de análise dialógica do discurso de

³ Acreditamos que o gênero analisado neste trabalho – o artigo de opinião – empreende um movimento contrário ao polifônico: silencia ou repudia as vozes que destoam da sua posição axiológica defendida.



Mikhail Bakhtin, baseando-nos nos livros *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2010), *Estética da criação verbal* (2003) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008).

Os procedimentos metodológicos adotados caracterizam este estudo como descritivo-qualitativo. Com o propósito de cumprirmos o objetivo descrito, estruturamos este artigo em quatro secções: a primeira apresenta um aporte teórico com conceitos tidos como relevantes para compreensão do dialogismo, a fim de elucidar e pontuar alguns conceitos primordiais para a análise do *corpus*. Também abordamos, na segunda seção, a noção de gêneros discursivos, já que nosso *corpus* é constituído por um artigo de opinião. A terceira seção aborda os procedimentos metodológicos, delimitando os dispositivos para fins de análise. Na sequência, a quarta seção corresponde à apresentação detalhada e análise do *corpus*. Por fim, as considerações finais destacam algumas conclusões e possíveis estudos que essa teoria proporciona.

1 A ENUNCIÇÃO, O MUNDO SUBJETIVO DO LOCUTOR E AS RELAÇÕES DIALÓGICAS QUE PERPASSAM TODO E QUALQUER DISCURSO

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin (2010) argumenta que na prática viva da língua, a consciência linguística do enunciatário e do enunciatário tem a ver com a linguagem no sentido de “conjunto dos textos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 98).

Esclarece, também, que a enunciação inexistente fora de um contexto socioideológico, uma vez que a define como produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, em que cada locutor tem um “*horizonte social* definido” (BAKHTIN, 2010, p. 116), pensado e dirigido a um auditório social também definido. Dessa forma, a enunciação é de natureza social e para compreendê-la é necessário entender que ela acontece sempre numa interação. A verdadeira substância da língua é constituída, para Bakhtin, pelo fenômeno da interação verbal, obtida por meio da enunciação ou das enunciações. “A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN, 2010, p. 127), realizando-se como uma troca de enunciados, na dimensão de um diálogo e através da enunciação.



Mikhail Bakhtin acredita que a palavra é como se fosse uma espécie de ponte lançada entre ele e os outros. “Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 2010, p. 117). Assim, toda palavra orienta-se em função do interlocutor, comportando duas faces: procede de alguém e se dirige para alguém. Ela é o produto da interação do locutor e do interlocutor e serve de expressão a um em relação ao outro, em relação à coletividade.

Já que a enunciação é produto da interação social, ela é determinada pela situação social imediata e pelo meio social. O sentido do enunciado também é organizado em função das condições reais da enunciação e “distribui-se entre as diversas vozes que habitam o tecido da linguagem. Estabelece-se, assim, um relacionamento dialógico de sentidos entre enunciados confrontados” (PIRES, 2002, p. 40).

Dessa forma, o princípio do diálogo e a noção de alteridade como constitutivos do sentido são pressupostos pela compreensão responsiva ativa “o que faz da enunciação, em Bakhtin, uma atividade intrinsecamente dialógica, em que o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro” (FLORES; TEIXEIRA, 2009, p. 152), pois a linguagem é um processo determinado pela vida social, em constante evolução.

O dialogismo é essencial à natureza da linguagem, uma vez que as relações dialógicas fazem parte de todo fato vivo da linguagem. “A vida autêntica da palavra só é possível sob as condições da interação dialógica” (BAKHTIN, 2008, p. 185). Assim, não se concebe o estudo da língua a não ser na enunciação. Portanto, o dialogismo, tendo como operador a enunciação, é como um axioma da teoria bakhtiniana, que envolve diferentes noções (linguagem, palavra, signo ideológico, sujeito, estilo, compreensão). Segundo Flores e Teixeira (2009, p. 147), “tal axioma promove a enunciação como centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos, o evento que institui o sujeito na interação viva com vozes sociais.”

Bakhtin acredita que as análises dialógicas devem ser avaliadas por uma nova ciência criada pelo filósofo, a Metalinguística, porque concebe que essas relações não são linguísticas no sentido rigoroso do termo, visto que “a linguística estuda a “linguagem” propriamente dita, com sua lógica específica na sua generalidade, como algo que torna possível a comunicação dialógica (BAKHTIN, 2008, p. 209). Ao entender, pois, as relações dialógicas como extralinguísticas, Bakhtin argumenta que a Metalinguística seria responsável por fazer uma



análise externa, ao passo que a Linguística seria competente à análise da língua, ou seja, uma análise interna.

Já que a linguagem é definida por Bakhtin como uma prática social a qual tem na língua a sua realidade material e a língua é entendida como um “processo de evolução ininterrupto” (BAKHTIN, 2010, p. 132), tendo por base o fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é a sua verdadeira substância, outro conceito bakhtiniano, relevante para o presente estudo, é o de gêneros discursivos. Justifica-se essa escolha, pois o locutor sempre utiliza a língua para se comunicar por meio de um determinado gênero, focalizando o seu alocutário, com a inclusão de todos os tipos de diálogos e enunciações. O objeto de pesquisa é o artigo de opinião, considerado um gênero porque atende a um propósito comunicativo vinculado a uma esfera da atividade humana.

2 POSSIBILIDADES DE USO DA LÍNGUA: OS GÊNEROS DO DISCURSO

Bakhtin (2003, p. 261) afirma que “o emprego de uma língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Os linguistas que os quais se ocupam do estudo da língua em uso concordam que os mais diferentes tipos de comunicação entre os falantes configuram-se em formas mais ou menos estáveis de enunciados, que constituem gêneros de discurso, pois “fala-se e escreve-se por gêneros e, portanto, aprender a falar e escrever é, antes de mais nada, aprender gêneros.” (FIORIN, 2006, p. 69). O estudo dos gêneros do discurso por Bakhtin está situado, nas palavras de Flores e Teixeira (2008, p. 55), em “uma concepção de enunciado como possibilidade de uso da língua”, pois o indivíduo apropria-se da língua pela necessidade de enunciar. É uma relação na qual língua e vida apresentam-se como elementos indissociáveis.

As atividades humanas acontecem em esferas, domínios, campos, que são determinados pelos enunciados (unidades reais da comunicação discursiva), pelas atividades desenvolvidas. Os gêneros têm ligação com a cultura, porque os seres humanos comunicam-se através desses, que nascem de uma necessidade comunicativa. A utilização da língua sempre se dá por meio de determinado gênero.



Como os gêneros do discurso são diversos e diferenciados a cada uso que se faz da linguagem e por surgirem na esfera prosaica da linguagem, incluem todos os tipos de diálogos e enunciações, num processo dialógico e interativo ao mesmo tempo. Mas Bakhtin chama atenção para o fato de que, apesar de os gêneros serem formas fáceis de combinação, em constante reelaboração, possuem um valor normativo. Esse caráter normativo garante a relativa estabilidade dos gêneros, mencionada pelo autor (2003).

Ao desenvolver a questão dos gêneros, Bakhtin (2003) aponta para a interação social, uma questão central da linguagem. O sujeito enuncia para outro, usando um determinado gênero, interagindo com o mundo. “Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero (BAKHTIN, 2003, p. 301). Assim, antes de tudo, a vontade discursiva do falante realiza-se na escolha do gênero do discurso.

Construídos por certos conteúdos, além de estilo e forma próprios, os gêneros apresentam funções sociais específicas; tornam-se, desse modo, modelos comunicativos os quais permitem a interação social. Bakhtin (2003) acredita que cada esfera da sociedade possui gêneros específicos. Assim, dependendo da esfera social, haverá um tipo específico de gênero a ser utilizado. A recorrência de diversos usos da língua e a variedade dos campos da comunicação humana permitem que os enunciados reflitam todas as finalidades e especificidades de cada situação comunicativa.

O enunciado, segundo Bakhtin (2003), deve ser compreendido como uma unidade discursiva estritamente social, capaz de provocar, por parte do sujeito, uma atitude responsiva.⁴ Assim, todo enunciado é produzido por alguém, que possui uma intenção predeterminada. Seguindo esse raciocínio, os gêneros vão sofrendo modificações as quais são consequência do momento histórico no qual se inserem. Dessa forma, o enunciado é considerado como resultante de uma memória discursiva, repleta de enunciados já pronunciados pelos locutores para formularem seus discursos em outras situações, em outras épocas, pois “cada enunciado é um elo na cadeia complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 272). Portanto, a enunciação tem como característica a relação dialógica, a alternância dos atos de fala. Outra peculiaridade do enunciado é sua

⁴ O conceito de enunciado aqui definido será o que utilizaremos na análise feita neste artigo.



conclusibilidade específica, pois um falante, ao terminar seu turno, dá lugar à fala do outro, possibilitando uma posição responsiva.

Quanto maior for o domínio em relação aos gêneros do discurso, mais facilidade se tem em empregá-los de forma adequada nas situações comunicativas em que se está inserido. O que exercita a competência linguística do produtor de enunciados é o contato com os diferentes gêneros do discurso e a própria vivência em situações comunicativas. Como é o domínio de um ou de outro gênero que conduz a atividade discursiva, de nada adianta o domínio das formas da língua se não há o uso delas na prática.

Na próxima seção, abordaremos a análise do artigo de opinião, um dos gêneros de grande circulação na atualidade. Esse é considerado um gênero porque atende a um propósito comunicativo vinculado a uma esfera da atividade humana.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho caracteriza-se como descritivo-qualitativo; o *corpus* de análise engloba o texto de Juremir Machado da Silva, intitulado *Ignorante de estimação*, publicado em 06 de julho de 2018, no *Correio do Povo* (blog). Ressaltamos a escolha do *corpus* pelo fato de abordar opiniões a respeito de um dos candidatos à Presidência da República: o deputado Jair Messias Bolsonaro, pessoa pública, conhecida do povo brasileiro por sua opinião, muitas vezes, polêmica no que diz respeito às mais diversas pautas (social, política, econômica). Para isso, procedemos a uma leitura do artigo de opinião, a fim de elucidar, com base nas estratégias discursivas utilizadas no texto, essas diversas vozes ideológicas que perpassam esse gênero, mesmo pautado pela univocidade da organização dos enunciados.

Com o propósito de melhor estruturarmos as análises, primeiramente, apresentamos o texto selecionado para situar o tema e permitir o conhecimento do *corpus* escolhido; na sequência, avaliamos os fenômenos identificados e compreendidos no *corpus*, com o objetivo de elucidar, com base nas estratégias discursivas utilizadas no texto, essas diversas vozes ideológicas que perpassam o gênero artigo de opinião; posteriormente, identificamos a relação dialógica de sentidos entre enunciados com visões de mundo peculiares, os quais dialogam e polemizam com os outros enunciados existentes em nossa sociedade, já que as relações são sempre tensionadas em uma arena discursiva por posições distintas.



A próxima seção é dedicada à apresentação e análise do *corpus* consoante os procedimentos metodológicos descritos.

4 CORPUS ANALISADO

Apresentamos, na sequência, o texto a ser analisado.

Ignorante de estimação	
	Juremir Machado da Silva 06/07/2018
1	Perguntemos a uma criança ou a qualquer adulto minimamente informado: qual o grande
2	problema do Brasil? A resposta será esta sem a menor hesitação: a economia. Subtende-se, por
3	exemplo, que a criação de empregos depende do programa econômico. Até Luciano Huck e outros
4	apresentadores de programas de auditório sabem disso. A conclusão lógica só pode ser uma: o país
5	precisa de um presidente que entenda algo de economia. Jair Bolsonaro lidera as pesquisas de
6	intenção de votos quando não há candidatura de Lula na parada. Bolsonaro discursou para
7	empresários. Diante do PIB, declarou não entender de economia.
8	Dez vezes os homens da economia aplaudiram o candidato que se autodeclara ignorante em
9	economia. Bolsonaro disse com imodéstia:
10	– Sou capitão do Exército, sou artilheiro. Mas de economia... eu não estudei economia.
11	Será que nós temos que entender de tudo?
12	Um empresário qualquer, ou em situação normal de temperatura e pressão, teria respondido
13	sem aplaudir e sem aceitar a confissão:
14	– De tudo, não. Só do essencial. Economia é essencial.
15	O capitão que confessa sem constrangimento não entender de economia afirmou, no entanto,
16	que a crise brasileira foi produzida por economistas. Questionado sobre educação, o artilheiro
17	soltou isto:
18	– Não quero falar do que não domino.
19	Mesmo sem entender de economia e educação, Bolsonaro agradeceu.
20	– Tem que fazer valer a vontade dos senhores – declarou ao PIB.
21	Os aplausos retumbaram como granizo. A fala do candidato revelou, outra vez, a sua visão
22	sobre o papel da mulher na sociedade.
23	– Se nós temos de nos socorrer da esposa e dos filhos para administrar uma casa, quanto mais
24	para administrar um país.
25	Por que um homem ignorante em economia e em educação entusiasma a elite econômica de
26	um país democrático? Será por tiradas como esta?
27	– Vou botar generais nos ministérios, sim. Qual o problema? Os anteriores botavam
28	terroristas e corruptos e ninguém falava nada.
29	Ou se trata de uma adesão comportamental pelo compromisso do candidato de combater os
30	teríveis males do politicamente correto expresso numa pérola em defesa do direito ao
31	divertimento irrestrito?
32	– Hoje estão tirando nossa alegria de viver, não podemos mais contar piadas de
33	afrodescendentes, de cearenses, de goianos.
34	A hipótese mais provável para tantos aplausos possivelmente tenha a ver com uma postura

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

35	que o PIB costuma rotular de pragmática:
36	– Os trabalhadores terão de escolher entre ter menos direitos e emprego ou todos os direitos e
37	nenhum emprego.
38	Encurralado no seu excesso de sinceridade, Bolsonaro tentou um drible, que poderia ser
39	considerado uma queda com descarada simulação:
40	– O presidente é um técnico, não vai jogar bola, entrar em campo, tem que ter discernimento,
41	humildade e força para buscar soluções.

4.1 ANÁLISE DO *CORPUS*

A todo instante, estamos nos posicionando a respeito de um determinado assunto que circula na sociedade. Tal atitude desencadeia uma série de posicionamentos, muitas vezes, divergentes, os quais são debatidos e confrontados por meio da interação social. Esse posicionamento concretiza-se a partir da utilização dos gêneros textuais, dentre eles, o artigo de opinião, pautado no posicionamento do autor diante de algum tema atual e de interesse de muitos, num gênero claramente argumentativo.

No *corpus* analisado, o escritor traz para a pauta o candidato à Presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, emitindo a visão de Juremir a respeito de um discurso feito pelo deputado a empresários, no dia 03 de julho de 2018. Segundo o Jornal *O Estadão* (04 de julho de 2018), o encontro foi iniciativa de Abilio Diniz, um dos maiores acionistas do Carrefour, e de Rubens Ometto, dono da Cosan. O jornal esclarece, ainda, que outras reuniões serão feitas: Marina Silva (Rede), Ciro Gomes (PDT) e Geraldo Alckmin (PSDB) já foram convidados.

O artigo de opinião, como toda unidade de expressão de linguagem, materializa uma “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 289), o que já se verifica no título apresentado pelo autor, com uma visão de mundo que é individual, única e intransferível do sujeito autor. Em suas interações cotidianas, os indivíduos manifestam um envolvimento com o mundo, que segundo a teoria dialógica bakhtiniana, dar-se-ia por meio de avaliações que o sujeito faz em relação a si mesmo, aos outros e ao mundo. Tudo isso se torna visível pela linguagem em seu uso concreto nas mais diversas categorias de palavras. Assim, a adjetivação explicitada no título serve não só para fixar um posicionamento do autor a respeito do tópico



temático tratado, mas para enfatizar a sua proposta e enfraquecer, mediante a desqualificação, as vozes potencialmente dissidentes (PIRES; KNOLL; CABRAL, 2016, p. 125).

Quando o texto é intitulado como “Ignorante de estimação”, há um posicionamento dialógico cristalizado referente a animais de estimação, ou seja, ele é “meu animal de estimação e mesmo dizendo absurdos, continuo a apreciá-lo”, havendo uma tolerância a qualquer atitude que venha desse ser, mesmo, muitas vezes, entendendo não ser a mais adequada ou justa. E, posteriormente, comprova-se esse “apreço” pelas falas atribuídas a Bolsonaro, concretizando-se em um discurso pronto, óbvio, que agrada, que diz o que o povo quer ouvir (ou ao menos uma parte dele), por exemplo, a fala da linha 20 “– Tem que fazer valer a vontade dos senhores – declarou ao PIB”. Acreditamos que o uso da primeira pessoa no enunciado “Perguntemos a uma criança ou a qualquer adulto minimamente informado [...]” (linha 1) é intencional, com o intuito de aproximação do seu ponto de vista com o do leitor, com a voz do outro, tornando-o parceiro na interação verbal, objetivando a mesma visão de mundo no que se refere ao grande problema do Brasil: a economia.

Seja em uma situação imediata ou em um contexto mais amplo, todo enunciado é uma resposta a um já-dito sobre o assunto em questão, uma vez que há uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (BAKHTIN, 2003). No primeiro parágrafo ao fazer a pergunta e responder ao mesmo tempo, sobre qual o grande problema do Brasil (linhas 1 e 2), o autor, ao declarar que seria a “economia”, expressa a sua visão sobre o problema, pois nem todos responderiam dessa forma. Acredita-se que a resposta poderia ser a violência, a segurança pública, a fome. Mas todo o trabalho argumentativo está sendo conduzido para o foco do discurso do Bolsonaro - falar para economistas. A utilização do advérbio “minimamente” (linha 1) confere um tom de desprezo às pessoas que não têm a capacidade de pensar a economia como algo relevante atualmente; assim, todo ser humano que não seja ignorante, deveria saber, sem titubear, a resposta.

Portanto, como em qualquer uso da linguagem, a intersubjetividade é construída a partir da percepção do autor como produtor de um enunciado e do outro como leitor diante do artigo, ou seja, da alteridade: “Naquele momento, o indivíduo que lê o texto, por uma compreensão responsiva da linguagem, torna-se parceiro da interação social realizada” (PIRES; KNOLL; CABRAL, 2016, p. 124). Essa “verdade”, essa constatação trazida pelo autor, é uma verdade subjetiva que vem ao encontro da citação posterior “criação de



empregos depende do programa econômico” (linha 3), sobre o qual o deputado não fala abertamente. Ele já mencionou em várias entrevistas que seu projeto econômico seria trazer um economista para pensar sobre tal assunto, diferente de outros candidatos.

Outro termo pejorativo apresentado é a preposição “até” quando escreve “Até Luciano Huck e outros apresentadores de programas de auditório sabem disso” (linhas 3 e 4). Definitivamente, os apresentadores não são as pessoas mais apropriadas para falar sobre o tema, especialmente Luciano - cujo nome foi cogitado como possível candidato à presidência -, mas, mesmo não sendo, eles entenderiam mais do que o próprio Bolsonaro.

A avaliação do enunciatório pelo autor modelará a forma e o modo de produção de seus enunciados, que serão diversos conforme a situação social e a importância de seu interlocutor, seus posicionamentos e pontos de vista. No último período do primeiro parágrafo, encontra-se o ponto de partida de todos os argumentos apresentados no texto de Juremir: “Diante do PIB, declarou não entender de economia”. Essa declaração, no próximo parágrafo, vem ao encontro da indignação do autor, ao afirmar que mesmo não entendendo de economia, ao falar para um grupo seletivo de economistas, foi aplaudido: “Dez vezes os homens da economia aplaudiram o candidato que se autodeclara ignorante em economia.” (linhas 8 e 9); aqui, também, tem-se a comprovação de que não passaria de um “Ignorante de estimação”, título dado ao artigo.

Barros (2007, p. 31), ao mencionar o dialogismo bakhtiniano como o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso, argumenta que o discurso sempre é coletivo, já que “se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais [...], porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos”. Assim, a escolha das palavras para a edificação de um enunciado é impregnada por outros enunciados de outros sujeitos, em relação aos quais o locutor posiciona-se, o que se efetiva em todas as afirmações feitas por Bolsonaro ao dirigir-se ao grupo de economistas. Todo esse diálogo é posto pelo autor em discurso direto, a fim de tornar verossímil o seu repúdio a qualquer manifestação feita pelo candidato no encontro mencionado.

Todavia, há um discurso direto, na linha 14, o qual não é atribuído a Bolsonaro, mas a “um empresário qualquer, ou em situação normal de temperatura e pressão” (linha 12) ao atribuir uma resposta ao questionamento outorgado ao candidato, quando pergunta se



necessita entender sobre tudo. A resposta foi: “– De tudo, não. Só do essencial. Economia é essencial” (linha 14), a qual dialoga com outros discursos que circulam sobre possíveis incongruências discursivas do deputado, comprovando que Juremir não se encontra isolado em suas convicções.

É importante ressaltar que os discursos diretos, apresentados neste gênero, possuem todas as características para serem conceituados como tais; contudo, não há certeza de que sejam transcrições literais da fala de outrem. O que se pode constatar são as várias vozes as quais ecoam desses supostos diálogos, visto que ao reproduzirmos o discurso do outro, nele podemos captar a expressão original, do outro e aquela atualizada, a qual é introduzida por nós no enunciado do qual vai fazer parte, ou seja, há uma dupla expressão. (BAKHTIN, 2003). Assim, é no enunciado que se dá o contato entre a língua e a realidade. Lembrando que nessa interação feita em discurso direto “o narrador pode deliberadamente apagar as fronteiras do discurso citado, a fim de colori-lo com as suas próprias entonações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com o seu encantamento ou o seu desprezo” (BAKHTIN, 2010, p. 157). Quando se reporta um discurso anterior, pode haver uma deformação pela escolha do fragmento a ser citado, por uma contextualização, por uma entoação, porque a subjetividade do autor está presente nessa escolha.

Outra particularidade notada na reprodução do discurso direto é o preconceito análogo aos enunciados explicitados no que se refere às mulheres, aos afrodescendentes e aos naturais de algumas regiões do país, o que dialoga com outros discursos do personagem proferidos e facilmente encontrados nas redes sociais: “– Se nós temos de nos socorrer da esposa e dos filhos para administrar uma casa, quanto mais para administrar um país” (linhas 23 e 24) e “– Hoje estão tirando nossa alegria de viver, não podemos mais contar piadas de afrodescendentes, de cearenses, de goianos” (linhas 32 e 33).

Nas linhas 15 e 16 há uma retomada de Jair Bolsonaro com os termos capitão (linha 15) e artilheiro (linha 16), termos utilizados pelo próprio deputado em uma de suas respostas “– Sou capitão do Exército, sou artilheiro” (linha 10). Todavia, acreditamos tratar-se de uma retomada irônica, principalmente do segundo termo mencionado, se analisarmos sua ligação com o verbo “soltar”, no enunciado: “Questionado sobre educação, o artilheiro soltou isto: – Não quero falar do que não domino” (linhas 16-17). O uso do verbo “soltar” não remonta a algo pensado, organizado. Portanto, palavra perigosa ao ser proferida por um artilheiro, já que



esse é responsável pelo comando ou ação da artilharia. E, se não pensar com exatidão, talvez não acerte “o alvo”.

Ao se perguntar “Por que um homem ignorante em economia e em educação entusiasma a elite econômica de um país democrático? [..]” (linhas 25-31), responde com duas possibilidades, as quais são ligadas pela conjunção alternativa *ou*; essa marcas – pontos de interrogação – que sinalizam o diálogo entre vozes, abrem espaços a uma resposta potencial daquele que lê ou ouve a mensagem questionadora; contudo, essas perguntas são retóricas, as quais não querem suscitar respostas, mas buscam enfatizar um ponto de vista do autor: qualquer possibilidade escolhida pelo interlocutor sempre terá uma consequência negativa, evidenciando o posicionamento contrário do historiador em relação às teses defendidas pelo político citado.

Ao construir um discurso, o locutor leva em consideração a representação que um sujeito tem de seu destinatário, juntamente com todo esse eco dialógico produzido por seus enunciados já proferidos e todos os enunciados de outros sobre o mesmo assunto, contidos em sua memória. Essas ressonâncias trazem consigo juízos de valor, posicionamentos ideológicos que constituem a relação do enunciado com outros, com seu autor e com a realidade. Assim, ao afirmar que a palavra viva, enunciada, é empregada de componente ideológico (o que vai ao encontro da interpretação de mundo feita pelo produtor do enunciado), temos na “palavra um índice sensível também de questões de classe social” (PIRES; KNOLL; CABRAL, 2016, p. 126), de defesa de minorias, de luta por direitos iguais. O jornalista escolheu os seguintes diálogos atribuídos a Bolsonaro: “– Se nós temos de nos socorrer da esposa e dos filhos para administrar uma casa, quanto mais para administrar um país.” (linhas 23 e 24) e “– Hoje estão tirando nossa alegria de viver, não podemos mais contar piadas de afrodescendentes, de cearenses, de goianos.” (linhas 32 e 33). Essa escolha explicita a opinião do candidato referente ao papel e a importância da mulher na sociedade e a visão que ele tem sobre entretenimento: fazer piadas das minorias discriminadas e oprimidas. Essas ideias são trazidas à tona para serem refutadas pelo autor do artigo, o qual não compartilha da mesma ideologia.

Diante das análises realizadas, podemos concluir que o artigo de opinião é dialógico, porque a linguagem, um processo determinado pela vida social, em permanente evolução, permite que tanto o sujeito que escreve, quanto o sujeito que lê, participem do ato comunicativo sem qualquer passividade. Além disso, esse gênero é carregado de ressonâncias



de outros discursos e enunciados presentes na sociedade: problemas brasileiros (educação, economia), preconceitos, futuro do governo brasileiro, opiniões sobre determinados candidatos à presidência. Assim, há uma comprovação de que os enunciados “não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns aos outros. [...] É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras”. (BAKHTIN, 2003, p. 297). O artigo de opinião funciona como um elo de comunicação entre o autor e o sujeito leitor, entre um *eu* e um *outro* inseridos discursivamente.

CONCLUSÃO

Somos sempre intermediários que dialogam e polemizam com os outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura, em nossa vida. Desse modo, ao produzirmos discursos, não somos a fonte deles, o que suscita uma relação dialógica polêmica, em que o sentido de um discurso jamais é último: há uma possibilidade sem limites de sentidos que retornam à memória, em outros contextos provocando novos sentidos nesse diálogo entre enunciados.

Apesar de não ceder lugar a outras vozes, portanto não polifônico (impregnado de diferentes vozes ou vozes plurais no enunciado ou no discurso), o artigo de opinião, repudiando ou silenciando vozes destoantes da posição defendida pelo autor, enquanto ato de comunicação, é repleto de uma realidade social, histórica, cultural, econômica e simbólica. Esse gênero efetua-se no cruzamento de sujeitos discursivos, de ideologias, de pontos de vista que dialogicamente mobilizam significados os quais são infinitos e que suscitam outros em uma cadeia ininterrupta de interação verbal.

A noção que o sujeito produtor do enunciado tem de seu coparticipante interativo é um dos fatores decisivos para as escolhas discursivas, ou seja, para a decisão de como enunciar. Assim, qualquer valoração feita no gênero analisado transita sempre pela questão ideológica da representação da visão de mundo do autor, que institui no interior do discurso um jogo dramático de vozes, por meio da observação do ser humano, um ser social e público, em constante relação intersubjetiva de alteridade, através da compreensão de seu discurso que ecoa e dialoga com outras vozes.



O dialogismo bakhtiniano refere-se ao princípio constitutivo da linguagem, define as relações languageiras, as práticas discursivas, as visões de mundo. É resultante de um embate de vozes, o que comprova que todo texto, inclusive o de Juremir Machado da Silva, intitulado “Ignorante de estimação”, é, por essência, dialógico.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARROS, Diana Luz de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: UFPR, 2007. p. 21-38.

BOLSONARO pede apoio a nomes de peso do PIB nas eleições 2018. *Estadão*. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,bolsonaro-pede-apoio-a-nomes-de-peso-do-pib-nas-eleicoes-2018,70002385201>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2009.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e Alteridade ou a Teoria da Enunciação em Bakhtin. *ORGANON - Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, p. 35-48, 2002.

_____; KNOLL, Graziela Frainer; CABRAL, Éderson. Dialogismo e polifonia: dos conceitos à análise de um artigo de opinião. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 119-126, jan./mar. 2016.

SILVA, Juremir Machado da. *Ignorante de estimação*. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/2018/07/10989/ignorante-de-estimacao/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.